

## EDITORIAL INAUGURAL

### PARA ALÉM DO ESPAÇO COMO CONTINENTE

**Maurilio Lima Botelho**

**Leandro Dias de Oliveira**

**André Santos da Rocha**

**Guilherme Ribeiro\***

O curso de Geografia do Departamento de Geociências da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) tem a satisfação de apresentar *Continentes: Revista de Geografia do Departamento de Geociências da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*.

Torna-se oportuno o resgate etimológico da palavra *continente*: oriunda do latim *continere*, cujos sentidos podem ser “abarcara”, “manter unido”, tem na raiz do seu sufixo *tenere* a menção de “guardar” ou “segurar”. *Continente* insinua, portanto, “aquilo que guarda”, “que contém alguma coisa”. Para além da forma, ele se revela recheado de “conteúdos”.

Ao pensarmos em “*continentes*”, poderíamos indicar a metáfora de que “um novo mundo se abre”, mas nossa pretensão é mais modesta. Trata-se apenas de ampliar a reflexão crítica através da publicação de dossiês, artigos, entrevistas e resenhas sobre temas relevantes da ciência geográfica e de áreas afins. A intenção é promover a discussão e o aprofundamento teórico e empírico sobre os processos espaciais e ambientais que moldaram a sociedade contemporânea, atuam no presente e afetam nosso futuro.

A metáfora do *continente*, aliás, é uma constante nas reflexões teóricas que tentam explicar conceitos como *espaço*, *meio* e *tempo* — este último, como se sabe, não é exclusividade da História, mas matriz do próprio pensamento geográfico. Para uma ciência que privilegia a análise do tempo presente, cumpre sublinhar que Paul Vidal de la Blache (1845-1918), um dos principais elaboradores do *corpus* epistemológico da geografia que conhecemos atualmente, era historiador de formação. A seu turno, Friedrich Ratzel (1844-1904), também consagrado um dos principais geógrafos da Era Contemporânea, fez seus estudos na área de Farmácia, dedicando a maior parte do começo de sua carreira à Geologia, à Paleontologia e à Zoologia. Essencial na

---

\* Professores do curso de Geografia, Depto. de Geociências - UFRRJ.

interpretação geográfica, a categoria *paisagem* advém da pintura praticada nos Países Baixos do século XV. Tempo, Ambiente, Arte: a geografia já nasce *transdisciplinar* e *avant-garde*, porém, infelizmente, inclinou-se em demasia para uma leitura mimética, redutora, “científica” do mundo. Uma das intenções da *Continentes* é a de *reabrir a Geografia*, ensejando convidar e ser convidada a prosar com a Ciência Política, a História, a Economia, a Sociologia, assim como as Belas-Artes, as Letras, a Filosofia.

Em *Manière de penser l'urbanisme*, de 1946, o arquiteto suíço Le Corbusier definiu a morada (“unidade da habitação”) como “um continente que responde a certas condições”, numa clara demarcação da funcionalidade espacial dessa forma arquitetônica. Em 1965, na obra *Pour Marx*, o filósofo francês Louis Althusser, na sua controversa releitura da obra de Marx, afirmou que o pensador alemão “abriu o continente da História”, recorrendo a uma imagem espacial para dar conta de uma nova abordagem histórica. No Brasil, uma geração inteira formou-se por intermédio do belíssimo livro do geógrafo paulista Aroldo de Azevedo intitulado, precisamente, *Os Continentes* (1967), texto que enfatizava sobremaneira a sucessiva descrição de elementos físicos e sociais.

De todo modo, foi outro pensador francês quem apontou a importância de se pensar o espaço para além de sua representação como mero receptáculo. Na coletânea publicada em português em 1979 nomeada *Microfísica do Poder*, Michel Foucault buscava “a história dos espaços como espaços de poder” e, assim sendo, destacou a necessidade de “ir além do espaço como continente”.

Partindo deste pressuposto hoje considerado básico, isto é, tomar o *espaço* não apenas como o recipiente ou a caixa onde *coisas estão dispostas*, é preciso retomar as lições do filósofo Henri Lefebvre no sentido de estudarmos as formas espaciais *também como conteúdos*.

### **Algumas palavras sobre o Curso de Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**

Iniciado em 2009, o curso de Geografia pertence ao Departamento de Geociências da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) — que também oferece o Curso de Bacharelado em Geologia. A formação em Geografia nesta unidade oferece habilitação tanto em Licenciatura quanto em Bacharelado, prezando pela articulação entre pesquisa, ensino e extensão. É significativo que *Continentes* chegue a público

nesse momento: é o resultado do amadurecimento do curso, que está em vias de formar sua primeira turma de graduação.

Com a consolidação do curso de Geografia no *campus* central da UFRRJ em Seropédica, tornou-se uma necessidade o lançamento de uma publicação que apresente reflexões contemporâneas sobre a ciência geográfica, sem abrir mão de resgatar criticamente sua trajetória. É com esse espírito que a *Continentes* se destina à publicação de textos de autores consagrados no Brasil e no mundo, de professores-pesquisadores de instituições universitárias brasileiras e, também, de contribuições engendradas no interior dos laboratórios e dos grupos de pesquisa do curso de Geografia da UFRRJ.

### **Escopo, Seções e Perspectivas**

*Continentes: Revista de Geografia do Departamento de Geociências da UFRRJ* tem como escopo a publicação de artigos, traduções, entrevistas e resenhas que tratem de assuntos pertinentes à ciência geográfica e às ciências humanas em sua multiplicidade. De periodicidade semestral, objetiva estimular a reflexão sobre os fenômenos espaciais em sua diversidade, envolvendo questões políticas, econômicas, sociais, culturais e ambientais. Todo material enviado para análise da Coordenação Editorial da *Revista Continentes* será encaminhado para exame por pelo menos dois integrantes de nosso Conselho Científico, preservando a identidade do autor e garantindo um processo isento e criterioso de avaliação.

A *Continentes* divide-se em seções. Na seção “Artigos”, privilegiaremos textos que problematizem os objetos selecionados, desconfiando sempre do próprio ato de fazer ciência. Nossa revista vê com bons olhos formações profissionais e filiações epistemológicas e políticas (separação meramente didática) as mais distintas. *Ensaio*s também serão apreciados e *traduções* serão muito bem-vindas. A organização de *dossiês temáticos* está entre nossas intenções futuras.

Além da seção “Artigos”, a *Continentes* optou ainda pela seção “Resenhas e Diálogos”, a fim de atualizar o leitor acerca do que há de novo na produção em Geografia e Ciências Humanas e, ao mesmo tempo, eleger determinados interlocutores que, com suas idéias, têm nos auxiliado a compreender o mundo contemporâneo.

A perspectiva da *Continentes: Revista de Geografia do Departamento de Geociências da UFRRJ* é consolidar-se como um canal profícuo de interpretação e diálogo — *dentro e fora da universidade* — acerca da espacialidade contemporânea, com as tensões, permanências e reestruturações que a caracterizam. Um espaço público, ainda que virtual, aberto ao debate.

Boa leitura a todos!

Seropédica [DEGEO / UFRRJ], dezembro de 2012.

# APRESENTAÇÃO

## Coordenação Editorial

O primeiro número da *Continentes* traz a diversidade de assuntos e profundidade temática que desejamos tornar uma marca da Revista de Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Neste número oferecemos artigos e resenhas que possam servir como meios de reflexão, convidando o leitor para o envolvimento com as polêmicas de nosso tempo, com o desenvolvimento conceitual e o incansável questionamento. Tradução de artigos internacionais, artigos de autores brasileiros e textos que tratam de temas variados preenchem as páginas desse nosso número inicial.

De início temos um artigo de Maria Alba Sargatal Bataller, publicado originalmente na *Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, em que a autora faz uma profunda discussão conceitual sobre a gentrificação, explorando seus significados, os processos que caem sob sua definição, as abordagens nas diversas ciências sociais e, principalmente, destacando as perspectivas teóricas diferentes dos autores que contribuíram para o desenvolvimento dessa temática. O artigo traz ainda um levantamento bibliográfico em diversas línguas que pode contribuir para o desenvolvimento desses estudos no Brasil.

O segundo artigo de nossa revista é uma contribuição inicial da professora Arlete Moysés Rodrigues para a avaliação das políticas urbanas desenvolvidas durante os dois governos do presidente Lula (2003-2010). O artigo faz um contraponto entre as medidas adotadas pelo governo federal que representaram uma mudança, do ponto de vista das políticas urbanas anteriores, e aquelas que acabaram por seguir os mesmos princípios de políticas que foram construídas “de cima” e ignoram as demandas populares, principalmente no que se refere à política habitacional.

Em seguida temos um artigo de Caroline Rodrigues da Silva sobre os pressupostos políticos e os efeitos sociais do grande projeto de reconstrução da área portuária do Rio de Janeiro, chamado “Porto Maravilha”. O texto acaba por ilustrar algumas das considerações do artigo anterior – ainda que a obra de “revitalização” seja implementada principalmente pela Prefeitura do Rio (com o apoio e financiamento federal) –, pois seus instrumentos que unem instituições públicas e privadas e os impactos decorrentes são marcas de uma política urbana que ainda relega a segundo plano as necessidades sociais.

O texto de Leandro Dias de Oliveira é uma oportuna releitura dos dois principais relatórios que embasaram as conferências ambientais patrocinadas pela ONU (1972 e 1992). Como recentemente fomos testemunhas de uma nova conferência que poucos resultados produziu (Rio +20), o artigo torna-se importante por apontar os caminhos tortuosos seguidos pela relação entre economia de mercado e “sustentabilidade ambiental”. Num primeiro momento, o discurso ecológico toma o desenvolvimento econômico como um obstáculo intransponível, mas alguns anos depois aceita as possibilidades de que medidas econômicas guiem o desenvolvimento rumo à sustentabilidade. O autor busca exatamente desvendar os pressupostos políticos e econômicos que estão por trás de *Os Limites do Crescimento* e *Nosso Futuro Comum*.

O artigo de Leandro Dias de Oliveira ainda tem a função de ilustrar uma proposta que desejamos realizar novamente nas próximas edições da *Revista Continentes*. Trata-se de apresentar textos que retomem importantes obras do passado, não apenas clássicos, que tiveram impacto no pensamento social em determinado momento e que hoje estão esquecidos ou são tratados de modo superficial, como referência respeitada mas pouco conhecida.

O artigo seguinte, de Ana Claudia Ramos Sacramento, é uma discussão sobre as possibilidades didáticas presentes nos estudos urbanos, utilizando como exemplo a cidade do Rio de Janeiro. Diferentes linguagens que revelam aspectos distintos do espaço urbano, como poesia, literatura, música, imagens e mapas são explorados para a demonstração de como o ensino de geografia pode ultrapassar a mera reprodução de conteúdos e aproveitar as experiências concretas dos discentes.

Por último, o artigo de Marcos José Nogueira de Souza, Jader de Oliveira Santos e Vlândia Pinto Vidal de Oliveira é um exemplo de estudo ambiental integrado, em que diversos aspectos são abordados para um diagnóstico sobre os usos potenciais e adequados da bacia hidrográfica do Rio Curu, no Ceará. Condições geológicas, geomorfológicas, hidrogeológicas, aspectos climáticos e características dos solos e da biodiversidade são articulados para este alcançar este objetivo.

Fechando nossa revista, como de praxe em publicações acadêmicas que tem a preocupação com o desenvolvimento teórico e o estímulo ao diálogo, trazemos uma resenha. Em nosso primeiro número da *Revista Continentes* escolhemos justamente a resenha de uma obra inédita em português, mas significativa já pelo seu título: *L'invention des continents. Comment l'Europe a découpé le monde*, de Christian Grataloup. Resenhada por Guilherme Ribeiro, a obra faz um exposição de como a representação dos continentes, seus traçados, suas denominações carregam todo o

peso de uma subjetividade plasmada na centralidade cultural, política e econômica europeia.

Com esse conjunto rico de temas que vão desde a Geografia Urbana até a Epistemologia da Geografia, passando pelo Ensino de Geografia, análise ambiental e reflexão crítica sobre o Desenvolvimento Sustentável, esperamos que os leitores aportem nesse continente de reflexões.

[por Maurilio Lima Botelho]